



Varia Historia

ISSN: 0104-8775

variahis@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Delcorno, Pietro

Miguel de Acqui e a fundação do Monte de Piedade de Verona Um incunábulo inédito

Varia Historia, vol. 31, núm. 55, enero-abril, 2015, pp. 127-160

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384441898006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Miguel de Acqui e a fundação do Monte de Piedade de Verona

Um incunábulo inédito

Miguel de Acqui and the Foundation of the Monte di Pietà in Verona

An Unpublished Incunabula

PIETRO DELCORNIO

Department of History

Radboud University Nijmegen

Mailbox 9103, 6500 HD Nijmegen, The Netherlands

p.delcorno@let.ru.nl

RESUMO O artigo investiga a vida do pregador Franciscano Observante, Miguel de Acqui, dando particular destaque às suas iniciativas de promover a fundação do Monte de Piedade em Verona, em 1490. Analisamos e também publicamos um incunábulo que foi editado em Verona simultaneamente aos eventos. Este documento sublinha a mensagem espiritual que estava conectada à apresentação do Monte de Piedade bem como as estratégias comunicativas adotadas por habilidosos pregadores, como Frade Miguel. Ele organizou uma forma planejada e cívica de caridade para apoiar o Monte de Piedade, que era uma instituição central na reforma da sociedade promovida pela Observância. Como mostram claramente os estatutos da *Scola del Monte della Pietà*, esta reforma possuía profundas dimensões sociais e religiosas: o apoio econômico para o Monte caminhava lado-a-lado com a disseminação de um modelo de vida religiosa para o laicado.

PALAVRAS-CHAVE pregação, Monte de Piedade, confraternidade, caridade cívica.

Recebido 01 de agosto de 2014 | Aprovado 19 de dezembro de 2014

<http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752015000100006>

Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 31, n. 55, p. 127-160, jan/abr 2015

ABSTRACT The article investigates the life of the Observant Franciscan preacher Michele d'Acqui, particularly focusing on his initiatives to promote the foundation of the Monte di Pietà in Verona, in 1490. The article analyses and integrally publishes an incunabula that was edited in Verona in concomitance with those events. This document highlights the spiritual message that was connected with the presentation of the Monte di Pietà as well as the communicative strategies adopted by skilful preachers such as Fra Michele. He organised a planned and civic form of charity to support the Monte di Pietà, which was a central institution in the reform of the society promoted by the Observance. As the statutes of Scola del Monte della Pietà clearly show, within this reform social and religious dimensions were deeply intertwined: the economic support to the Monte went hand in hand with the dissemination of a model of religious life for the laity.

KEYWORDS preaching; Monte di Pietà; confraternity; civic charity

Este artigo se propõe a iluminar o perfil e a ação de Miguel de Acqui, detendo-se principalmente sobre a fundação do Monte de Piedade¹ de Verona, promovido em 1490 mediante uma espetacular intervenção urbana deste pregador pertencente à Observância franciscana. A análise se concentrará sobre um incunábulo² vulgar publicado em Verona logo após os eventos; até agora este incunábulo encontra-se substancialmente preterido pela investigação histórica e é aqui publicado, integralmente, pela primeira vez. Este documento permite colher, da maneira mais precisa possível, qual pode ter sido a mensagem espiritual vinculada à apresentação do Monte de Piedade e quais podem ter sido as estratégias comunicativas

1 N.T.: Montes de Piedade eram pequenas instituições financeiras coletivas, geralmente organizadas por frades minoritas, destinadas a reunir fundos para oferecer microcrédito à comunidade onde se instalavam. Os empréstimos eram oferecidos geralmente em condições mais favoráveis que as do mercado local, mostrando que essas iniciativas significavam também uma resistência pauperista do movimento franciscano à prática da usura no sistema financeiro da Itália tardo-medieval.

2 N.T.: incunábulos eram pequenos textos impressos, mas cuja grafia ainda imitava a manuscrita.

empreendidas por um hábil pregador como Miguel de Acqui, destinadas a promover uma caridade organizada, planejada, cidadina, e a sustentar uma instituição central no projeto de reforma da sociedade defendido pela Observância. Uma reforma cuja dimensão social e religiosa está imbricada de maneira inseparável, como mostram também os estatutos da Escola do Monte de Piedade, nos quais o suporte econômico ao Monte e a difusão de modelos de vida religiosa laica caminham lado a lado.

PERFIL DE UM PREGADOR

Não há notícias precisas sobre o ingresso de Miguel de Acqui na Observância³ franciscana (Delcorno, 1961). Em 1482, no momento em que foi enviado como missionário provincial à Sardenha, ele já fora oficialmente indicado como *praedicator*, um cargo dificilmente recebido antes dos trinta anos (*Regestum Observantiae Cismontanae*, 1983). Igualmente, não temos notícia precisas sobre seus estudos. Pode-se aventar um percurso baseado no *curriculum* instituído na Observância por João de Capestrano, destinado a preparar os futuros pregadores e confessores (Roest, 2014, p.79-106). Esboçando o perfil de Miguel de Acqui, um testemunho sobre a sua pregação em Verona lhe atribuiu a competência em direito canônico e civil (“*iuris humani, pontificii atque divini singularis cognitio*”),⁴ característica própria dos melhores pregadores da Observância e elemento indispensável na afronta adequada e segura, fosse da estrutura dos estatutos citadinos – como acontece em Assis, em 1488 –, fosse dos debates ligados ao projeto e à organização do Monte de Piedade.

3 N.T.: a Observância é uma ramificação reformista da Ordem dos Frades Menores (fundada por Francisco de Assis em 1209), surgida em 1368 e aprovada pelo papado em 1415, embora só em 1517 ganhasse autonomia em relação à Ordem. Grosso modo, a Observância pautava-se por uma tentativa de uma recuperação do franciscanismo primitivo e dos valores espirituais de seu fundador.

4 AVOGARRO, Pietro Donato. *Oratio ad senatum populumque Veronensem de Monte pietatis*, s.i.t. (Verona, post 9 settembre 1490), fol. a1v. O texto está editado, com tradução italiana feita por: BERENFO-MORTE, A. In: *Le Venezie francescane*. 3. (S.l.: s.n.), 1934. p.219-234.

O encargo como comissário provincial na Sardenha – um território problemático, onde a Observância minorítica estava empregando figuras de primeiro plano para afirmar a própria presença – não atendeu, certamente, às expectativas do vigário geral, Pedro de Nápoles (Pisanu, 2000, p.305-326).⁵ Uma carta de Pedro, datada de 21 de agosto de 1483 e enviada a Miguel de Acqui, revela como este, após somente um ano, sem nenhuma permissão, saiu autonomamente da ilha, junto com seus colaboradores mais próximos e nomeando arbitrariamente um substituto, o qual não possuía poderes efetivos. Miguel havia alegado motivos de saúde para o seu comportamento, nos quais Pedro de Nápoles não acreditou, fosse pelas informações recebidas da Sardenha, fosse porque Miguel – que acabara de retornar a Gênova – havia retomado a própria itinerância pelos conventos da província. O vigário terminava a sua dura carta com uma catequese *ad personam* sobre o valor irrenunciável da obediência, marcada pela exortação “*Esto igitur pastor bonus et non mercenarius*” e ordenando ao “fugitivo” que retornasse à ilha. Não obstante, em uma segunda carta remetida por Pedro de Nápoles, datada de 28 de fevereiro de 1484, vemos que Miguel não atendeu à ordem e apresentou, ligeiramente (“*etsi tarde, tamen aliquando respondisti*”), uma defesa da própria obra, argumentando a impossibilidade de retornar à Sardenha a partir de motivações que o vigário não hesitou em definir como despropositadas e legalistas (“*multis syllogisticis argumentis et legalibus illationibus*”). E, como se não bastasse, desta vez Pedro de Nápoles desempossou Miguel do seu cargo, deixando transparecer, porém, todo o seu desconforto pelo comportamento do pregador.

Não há notícias posteriores sobre o apostolado de Miguel de Acqui até o ano de 1487, quando, à margem do Capítulo Geral que ocorria no Convento de Santa Maria dos Anjos, em Assis, Miguel foi nomeado pregador apostólico, recebendo – com grande antecipação – o encargo de pregar a Quaresma de 1488 em Perúgia.⁶ Ainda em 1488, Miguel

5 As cartas mencionadas se encontram em *Regestum*, 1483, n. 162 e n. 184.

6 Ver *Regestum*, 1487, n. 7. Em seguida a essa pregação, em maio de 1488, Miguel obteve dos priores de Perúgia um primeiro financiamento para a construção de uma capela junto ao

pregou em Assis, empenhando-se na pacificação da cidade, marcada por violências políticas. Ele ainda conseguiu promover, em maio daquele ano, novos estatutos de pacificação (Cenci, 1974, p.832-867), aprovados oficialmente em 30 de junho por Inocêncio VIII, que reconheceu formalmente o frade observante como seu autor.⁷ Confirmando o perfil de mediador “político” assumido pelo pregador, a cidade de Assis confiou a ele também a dissuasão de algumas controvérsias internas e externas à cidade (Cenci, 1974, p.830-831). Provavelmente também na esteira do sucesso político obtido em Assis, Inocêncio VIII – intentando recolocar a área umbra sobre seu controle direto – atribuiu a Miguel a tarefa de pregar também a Quaresma de 1489 em Perúgia (*Bullarium*, IV, n. 1152).

A atividade seguinte de Miguel de Acqui se concentrou na Itália do norte, tendo ele se visto, acima de tudo, envolvido na fundação de três Montes de Piedade (Muzzarelli, 2001). O primeiro foi fundado em 1489, em Brescia, onde, talvez, Miguel já houvesse estado nos anos precedentes e aonde voltou para a Quaresma de 1490 (Montanari, 2001, p.89-133, 251-254). A este primeiro Monte seguiram-se, em 1490, os de Verona e de Cremona (Ricci, 2009, p.67-99; Ferlito, 2009, p.18-28). Por meio destas fundações, Miguel de Acqui se inseriu no vivaz – e às vezes violento – debate sobre a legitimidade e sobre as diversas tipologias possíveis para esta inovadora instituição crediária. Não obstante já se tivessem passado decênios de experimentações, o Monte não cessava, de fato, de suscitar inflamadas discussões e ponderadas reflexões. Desde o primeiro Monte, fundado em 1492, em Perúgia, por iniciativa de Miguel Carcano, no centro do debate estava, sobretudo, a possibilidade de o Monte cobrar juros módicos. Naqueles anos, a sua legitimidade era vigorosamente defendida, de modo particular, por Bernardino de Feltre. Se nas intenções dos seus promotores estes juros estavam voltados à

castelo da Brufa, onde João de Capestrano (†1456) foi prisioneiro e onde amadureceu a própria escolha religiosa (BUGHETTI, 1940, p.111-112).

7 “Michael de Aquis (...) quaedam statuta et ordinationes, publicam quietem et pacem vestram concernentes (...) ediderit”. In: *Bullarium Franciscanum*, n.s., IV (1484-1489), a cura di C. Cenci. Grottaferrata: Editiones Collegii S. Bonaventurae, 1989, n. 1161.

cobertura das despesas de gestão do próprio Monte e à salvaguarda do próprio capital, essa escolha havia suscitado muitas perplexidades, abrindo margem à acusação de usura.

No interior dessa discussão, Miguel de Acqui se imiscuiu na tipologia de estatutos baseados no empréstimo gratuito, mesmo sem que nenhum interesse lhe demandasse isso. Os estatutos do Monte de Brescia ordenavam, de fato, “imprestar (...) gratis senza alcuno pagamento” (Montanari, 2001, p.89-133,251-254). Nisso ele se reportava ao modelo do Monte de Vicenza, fundado em 1486 por Marco de Montegallo (Bracci, 1999). Provavelmente, enquanto Miguel considerava ser esse o caminho mais seguro para permanecer fiel a uma rigorosa e literal aplicação do ensinamento evangélico “*mutuum date nihil inde sperantes*” (Lucas 6,35), evitando a acusação – movida particularmente por teólogos dominicanos e agostinianos – de que os Montes, mesmo cobrando juros baixos, praticavam uma sutil forma de usura (Muzzarelli, 2001, p.145-187). Como custear, porém, as despesas da gestão do Monte? Como consolidar suas instituições? No modelo proposto por Miguel de Acqui, as despesas do Monte eram repartidas entre um financiamento da parte das autoridades citadinas e outro da parte de benemerências individuais. Por esse motivo era necessário promover um amplo consenso em torno desta instituição e construir um mecanismo de doações que tornasse estável o fluxo de ofertas ao Monte. Para fazer com que a caridade dos particulares substituísse a cobrança de juros “aos pobres mais pobres” que procuravam o Monte, o frade Miguel promoveu constantemente, junto a cada Monte, uma fraternidade na qual os membros se empenhavam em uma série de práticas devocionais ou, sobretudo, em financiamentos mensais ao Monte, através de pequenas oferendas. Para conferir remuneração espiritual a tal empresa, frade Miguel obteve para os membros da fraternidade amplas indulgências e benefícios espirituais da parte do pontífice Inocêncio VIII.⁸

8 Veja-se a bula sobre a Companhia de Verona: *Intentis semper salutis opera*. In *Bullarium*, IV, n. 2178 (24 abr 1491). A mesma bula é enviada em 31 de dezembro de 1491 ao Consórcio de Cremona (entre outros): cfr. *Bullarium*, IV, n- 2404. O texto da bula é reportado também por WADDING, Lucas. *Annales Minorum*. ad. an. 1491, n. LX.

A pedido de Ângelo Carletti de Chivasso, vigário geral em término de mandato, Miguel de Acqui participou, em 1493, do Capítulo Geral celebrado em Florença, na qualidade de campeão do modelo dos Montes de Piedade gratuitos. Diante do capítulo, o vigário pediu a Miguel e a Bernardino de Feltre que apresentassem as respectivas posições quanto ao Monte de Piedade, gratuito ou com juros. Encarregada de escolher a melhor estratégia a seguir, a assembleia estabeleceu que no futuro devia-se fundar apenas Montes com juros, provavelmente porque viram nesse modelo uma instituição mais sólida, porque não dependia de doações contínuas (Meneghin, 1974, p.555-560). Na realidade, a história dos primeiros Montes de Piedade mostra como tais instituições não eram, nem quando cobravam juros, livres de crises ou falências rápidas, mesmo depois de inícios promissores (Muzzarelli, 2001, p.7274). O que se pode considerar uma derrota de Miguel de Acqui, no Capítulo de 1493, não diminui o seu empenho a favor dos Montes. Além da discussão sobre as modalidades de realização dessas iniciativas, restava imutável, no referido frade, a convicção de que esta era uma instituição central no projeto de sociedade proposto pela Observância minorítica italiana. Por exemplo, em 1496 a sua intervenção foi decisiva para que o Monte de Piedade de Crema, com certidão de nascimento datada de 1493, a partir da prédica de um outro eminente frade observante, Ludovico della Torre (Casagrande, 1989, p.597-600)⁹, efetivamente tivesse início. Miguel de Acqui não apenas favoreceu a definitiva aprovação dos estatutos, que tomavam, neste caso – segundo a linha própria de Della Torre – a cobrança de juros, como também colocou a serviço deste Monte a sua capacidade de organizar de maneira eficaz a recolha dos fundos necessários. Em Crema, Miguel promoveu uma primeira recolha geral em concomitância com a festa e a procissão de *Corpus Domini*, e depois organizou uma espécie de desafio entre os diversos bairros da cidade, chamados, nos dias sucessivos à procissão, a recolher e apresentar as próprias ofertas (Albini, 1975, p.378-406). De maneira similar, a sua criatividade na coordenação

9 Della Torre interveio ativamente também na polémica daqueles anos, escrevendo, em 1492, a *Apologia pro Monte Pietatis*, posteriormente impressa em Veneza, em 1498.

de procissões solenes e eficazes recolhas de oferendas é confirmada nas crônicas de sua intervenção, em 1496, a favor do Monte de Pádua, fundado em 1491 por Bernardino de Feltre, carente, depois da morte deste frade, de financiamento renovado (Meneghin, 1974, p.327-328).¹⁰

Na verdade, alguns elementos mostram que o embate entre diversas posições que se moviam em torno aos Montes de Piedade não estava totalmente resolvido. Em Gênova, onde um Monte foi fundado em 1483 por Ângelo Carletti de Chivasso, segundo o modelo com juro, Miguel de Acqui fundou, em 1497, uma *Schola Pietatis* destinada a socorrer os pobres e sustentada por uma respectiva fraternidade: uma iniciativa símile ao Monte de Piedade, tanto que Wadding assevera que “*ad modum videlicet Montis pietatis instituit*”.¹¹ Miguel de Acqui parecia, assim, interessado em driblar os limites impostos pelo Capítulo Geral de 1493 por meio de uma iniciativa que, na realidade, entrava em competição com aquela já existente, copiada fosse no seu nome, fosse na sua finalidade última. De resto, a discussão sobre o Monte – no interior da Ordem minorítica e na sociedade – era tudo, menos concluída; mais que isso, demandaria ainda mais de 20 anos para que produzisse um decreto com o qual, em 1515, Leão X pôs, finalmente, fim aos debates. Depois da morte de Marco de Montegallo, Miguel de Acqui podia representar ainda um problema para aqueles que propunham unificar o projeto de Montes apagando qualquer vestígio da forma alternativa constituída por Montes de Piedade gratuitos, já existentes. Em maio de 1497 o vigário da Província lombarda, Domingos Ponzoni – também a mando do vigário geral Jerônimo Tornielli –, escreveu

10 Em 1495, Miguel de Acqui consta entre os definidores do Capítulo Geral ocorrido em L'Aquila, onde foi nomeado, com Gabriel de Verona, comissário para os Observantes na Polônia e Áustria. Não há certeza de que Miguel de Acqui tenha aceitado tal nomeação e não parece que tenha jamais deixado a Itália, visto que em 1496 pregou em Verona, Pavia e Pádua (GHI-NATO, 1963, p.72-73).

11 “*Michael de Aquis (...) in urbe Januensi societatem beate Mariae de Pietate, et Confraternitatem utriusque sexus fidelium, clericorum, religiosorum et laicorum pro conservatione dictae societatis laudabiliter pro subventionem pauperibus institutae, assiduis suis praedicationibus, ad modum videlicet Montis Pietatis, instituit*”. WADDING, L. *Annales*, ad. an. 1497, n. XII. Sobre o Monte de Piedade de Gênova – mas sem informações para melhor avaliar a ação de Miguel de Acqui – veja-se GIACCHERO, 1988; MUZZARELLI, 1998. p.169-184.

a Ludovico o Mouro, duque de Milão, pedindo a sua intervenção para impedir que Miguel de Acqui participasse do Capítulo Provincial de Pavia: “*siamose resoluti chel sia necessario che Vostra Illustrissima Signoria ci porga la sua mano in fare che frate Michele d’Aquis non si trovi ad questo capitolo, per schivare tutti li scandali poterebeno intervenire per la sua presentia, che credo chel suo esser qua non potria esser causa de ben per hora*”. A intervenção da autoridade política devia, porém, ser discreta: “*io spero far questa cosa dextramente senza tumulto et quello che io dico de fra Michele requiro etiam per duy soy complici acti ad far desgoverno fra noy*” (Andenna, 2001, p.353-354). Como Miguel e os seus “cúmplices” eram vistos como uma ameaça por Domingos Ponzoni, emergem da urgência com a qual a carta foi remetida instruções sobre a celeridade da entrega de sua mensagem: “*Mittatur sine mora cito, cito, cito, cito*”. Ao impedir, graças à intervenção da autoridade política, a participação de frade Miguel na reunião provincial de 1497, o vigário geral queria, muito provavelmente, abrir caminho para a decisão do Capítulo Geral seguinte, ocorrido em Milão em 1498.¹² Este capítulo estabeleceu, finalmente, que todos os Montes de Piedade gratuitos ainda existentes deviam adotar o crédito a juros (Andenna, 2001, p.354). Por isso pode não ser um acaso encontrar Miguel de Acqui em Perúgia, em 1499,¹³ longe dos Montes de Piedade fundados ou apoiados por ele na década anterior, o que talvez indique a sua saída de cena – voluntária ou forçada – quanto ao jogo político em torno dos Montes de Piedade. Depois dessa data não há mais notícias certas sobre o frade.¹⁴

12 No mesmo contexto se coloca a publicação de um instrumento decisivo no debate sobre o Monte de Piedade, o *Defensorium montis pietatis*, composto por Bernardino de Bustis e publicado em Milão em fevereiro de 1497. O texto contém também uma dedicatória do autor ao vigário Jerônimo Tornelli e uma resposta sua na qual se louva a obra de Bernardino. Já no Capítulo de 1493, Tornelli esteve entre os defensores de Bernardino de Feltre contra Miguel de Acqui (GUSLINO, 2007, p.233).

13 Em 1499 obtém-se um ulterior financiamento para a capela em honra de Capestrano em Brufa (BUGHETTI, 1940, p.113).

14 A morde de Miguel de Acqui é comumente colocada em torno de 1500, enquanto não se tem certeza sobre o lugar em que ela ocorreu: Brescia ou a própria Acqui, visto que os *Annales* de Lucas Wadding mencionam ambas as possibilidades, acrescentando que sobre a sua tumba floresceram milagres, atribuindo-lhe a fama de santidade (GHINATO, 1963, p.76-77).

A FUNDAÇÃO DO MONTE DE VERONA NO RELATO DE PEDRO AVOGARO

O testemunho mais incisivo e interessante da ação de Miguel de Acqui, das estratégias utilizadas por ele para promover o consenso sobre o Monte de Piedade – tanto no nível político quanto no popular – e o papel das fraternidades por ele fundadas como suporte decisivo a essa instituição se encontra em dois incunábulo impressos logo após a fundação do Monte de Verona,¹⁵ uma cidade em que era particularmente profunda a osmose entre elite cidadina e Observância franciscana (Varanini, 2009).

O primeiro texto é representado pela crônica do humanista Pedro Avogaro, escrita em latim e repleta de referências classicistas. O texto foi impresso logo após os eventos, como um verdadeiro *instant book* para celebrar e fixar na memória o triunfo da fundação do Monte.¹⁶ O relato apresenta, com tons solenes, um vívido retrato do *modus operandi* de Miguel de Acqui. Em primeiro lugar, ele consegue conquistar o favor citadino com uma série de brilhantes sermões em prol do Monte, nos quais não faltou o ataque “*in Iudeorum perfidiam*”.¹⁷ Depois ele se ocupou em defender os méritos do Monte no interior do conselho citadino, fornecendo ele próprio e fazendo com que o conselho aprovasse os seus capítulos.¹⁸ Enfim, foi ainda o pregador que coordenou uma espetacular

15 Para as fontes do arquivo sobra a fundação do Monte de Piedade de Verona (em particular os atos do conselho citadino), aqui não discutidos, reportar-se a GHINATO, 1963.

16 AVOGARO. *Oratio (...) de Monte pietatis*. Utilizo a cópia conservada na Bayerische Staatsbibliothek di München, disponível online: <<http://www.bsb-muenchen.de/index.php>>; Acesso em: 27 set 2014. Sobre Avogaro, cf. PEEBLES, AVESANI, 1962, p.1-84. O texto está amplamente comentado por GHINATO, 2001, p.87-107.

17 AVOGARO, *Oratio*, fol. a1r. Na enfática descrição da capacidade oratória de Miguel de Acqui, Avogaro, de um lado, diz que, ao ouvi-lo, ele parecia “*alterum profecto Paulum tonitura non verba resonantem audiere*”; por outro lado, o autor sublinha a habilidade de um discurso que parecia simples aparência, mas que, na realidade, era capaz de atingir com eficácia o público: “*Videntur verba eius simplicia, et quasi innocentis hominis (...) sed quocunque respexeris fulmina sunt*”. fol. a1v.

18 “*Leges scriptas orator ipse dedit*”. AVOGARO, *Oratio*, fol. a2r.

celebração, em 29 de agosto de 1490, promovida pelo conselho citadino para recolher os fundos necessários ao efetivo início das operações do Monte. Toda a cidade foi chamada à Piazza dei Signori, para fazer ali as próprias ofertas junto a um altar erguido – com evidente valor simbólico – “*in loco quo Iudei civium et christianorum bona sub hasta auctionando vendebant*”.¹⁹ No dia estabelecido, desenvolveu-se uma imponente procissão, aberta por crianças, seguidas por franciscanos com estandartes dos próprios santos e, no centro, uma máquina cenográfica segurada por trinta pessoas, na qual estava representado o Monte de Piedade. Avogaro descreve essa *effigies* do Monte como obra de raro engenho: um monte com uma espécie de roda em cima e sobre ela a imagem de Deus; dos lados, representações das virtudes; no centro, o Cristo em piedade, acompanhado da Virgem e do apóstolo João.²⁰ Este último tema era muito difundido no *Quattrocento*; basta pensar na *Pietà* de Giovanni Bellini, conservada na Pinacoteca de Brera. A descrição e função da referida roda resta, porém, incógnita. Talvez fosse uma variante iconográfica do “moinho místico”, um tema que naqueles anos tinha grande visibilidade na vizinha Pádua, onde havia uma pintura em que estava incluso o próprio Cristo em piedade.²¹ De todo modo, é claro que a cenografia veronesa colocava em relevo aquela *imago pietatis* tornando-a o próprio lugar do Monte de Piedade (Puglisi, Barcham, 2008; Carboni, Muzzarelli, 2011, p.13-27). Avogaro define isso como um *piissimum spectaculum*, capaz de emocionar e comover os transeuntes. O último destino desse aparato cênico era a própria praça, onde se celebrava o verdadeiro triunfo de Cristo como imperador “*in hac sua*

19 AVOGARRO, *Oratio*, fol. a2v. Sobre a difusão de posições antijudaicas entre os membros da elite intelectual e patriciária veronesa, que se refletem também no texto de Avogaro, cf. VARANINI, 2005, p.151-153, onde se recorda como, em 1490, o jurista Cristoforo Lanfranchini havia proposto e feito aprovar no conselho citadino um veto contra empréstimo usurário dos Hebreus da cidade, “a deliberação que precede à constituição do Monte”, do qual Lanfranchini estará – não por acaso – entre os primeiros governantes.

20 AVOGARRO, *Oratio*, fol. a3v.

21 Sobre o altar da Capela do Corpo de Cristo, na basílica do Santo em Pádua, encomendado em 1466 e perdido até 1530, do qual resta o rascunho do contrato firmado com o pintor Pietro Calzetta (Cf. BARCHAM, 2011, p.38-41).

parva Hierusalem” – como é definida Verona, transformada e santificada pela adesão entusiástica de todos ao Monte de Piedade.²² Avogaro descreve em tons triunfais o afluxo do povo, dividido em categorias, para fazer ofertas ao Monte, estimando em quarenta mil o número de pessoas que acorreram para assistir ao evento que o autor não hesita em definir como o mais admirável desde a fundação da cidade (“*nil magis a condita urbe mirandum fuisse*”).²³ No fim, relata-se uma atenta síntese da prédica com a qual Miguel concluiu essa memorável jornada. O pregador não apenas louvou os cidadãos, exortando-os a perseverar nas boas obras, como também promoveu, naquele mesmo momento – no ápice do envolvimento emotivo do povo –, a Companhia do Santo Monte de Piedade, a fraternidade encarregada de conservar e aumentar o Monte, à qual aderiram, na onda do entusiasmo – segundo as crônicas –, mais 8000 homens, em apenas 8 dias. Estabelecidas as normas dessa fraternidade, Miguel de Acqui explicou aos seus membros as prédicas recitadas, os atos de culto, o comportamento a ser observado. Em particular, enfatizou, de um lado, a necessidade de contribuir com um *stipendium* mensal para garantir um “*Mons Dei pinguis et stabilis*”, e, de outro, as amplas remunerações celestes, garantidas – como vimos – por concessões papais. Pelo intenso empenho, a cidade conferiu a Miguel a cidadania honorária e – conforme Avogaro –, quando o frade partira do lugar, não apenas os melhores pintores foram encarregados de fazer dele um retrato, como também a sua efígie foi difundida através de impressões, para que a sua memória fosse conservada. Encerrava-se, assim, uma articulada campanha midiática a favor da nova instituição, na qual as palavras do pregador e o recurso ao elemento visual cumpriam um papel primário. Confirmando seu vínculo com Verona, bem como a necessidade de manter o recém-nascido Monte, frade Miguel pregou na cidade ainda mais duas vezes, na Quaresma de 1491 e em 1496.

22 “*In forum itaque Mons ipse immo pius Iesus in Monte suo Sancto sedens delatus est, in quo et in hac sua parva Hierusalem ipsum Iesum Christum Imperatorem omnium maximum hoc die iterum vere triumphasse constat*”. AVOGARO, *Oratio*, fol. a3v.

23 AVOGARO, *Oratio*, fol. a4r.

UM INCUNÁBULO VULGAR INÉDITO

Se a crônica de Pedro Avogaro era destinada a um público culto, capaz de apreciar tanto o latim humanístico quanto as referências à antiguidade romana, que pontuam o texto, um incunábulo em vulgar se propunha a tornar acessível a um público mais vasto não apenas o relato dos eventos (em partes, derivado do texto de Avogaro), mas também uma verdadeira e própria catequese sobre o Monte de Piedade e sobre as regras concernentes à vida, bem como os benefícios da Companhia do Santo Monte da Piedade. A presença deste segundo incunábulo – até agora ignorado pela atenção dos historiadores – permite-nos avaliar ainda melhor a atenta e diversificada campanha midiática organizada para promover a fundação e o primeiro assentamento do Monte de Verona. “Todos os meios eram úteis para captar a atenção e os recursos humanos e financeiros”, meta que não era fácil e requeria uma comunicação eficaz e original (Carboni, Muzzarelli, 2011, p.9-11). Às palavras do pregador, no púlpito e nos conselhos citadinos, à cenográfica procissão inicial, onde imagens e cortinas coloridas, palavras e cantos, objetos e dinheiro haviam invadido a cidade, santificando-a e transformando-a – ao menos por um dia – em uma pequena Jerusalém aos pés do imperador Cristo, seguia-se a difusão de imagens e textos impressos. Estes deviam manter viva a memória e, no caso do segundo incunábulo, torná-la ativa quando fosse preciso. Isto é, tratava-se de manter e, possivelmente, incrementar a empreitada inicial, evitando que, passado o entusiasmo e a emoção coletiva, o Monte continuasse apenas formalmente operativo ou fosse destinado a uma breve e efêmera existência.

Este incunábulo, impresso em Verona na esteira dos eventos, é constituído de seis cartas. O seu frontispício, ornamentado por uma xilogravura (figura 1), recita: “*Questa sie la historia e lo processo del piissimo Monte de la Pietade cum li capituli de la sua benedicta schola*”.²⁴ O conteúdo desse panfleto vai, na verdade, além do anunciado pelo título, apresentando quatro elementos: uma xilografia inspirada nas *Artes Moriendi*;

24 Para a edição do texto, ver adiante.

uma breve catequese sobre o Monte de Piedade; o relato da fundação do Monte de Verona; os capítulos da Companhia. Forneciam-se, assim, o fundamento espiritual, a memória histórica, as indicações operativas e o cálculo dos resultados esperados com a adesão à empresa cívica do Monte de Piedade, garantida pela participação na Escola do Monte.

Este interessante documento permite, pois, entender melhor qual a mensagem religiosa vinculada ao Monte de Piedade, apresentada a um público amplo, como aquele capaz de ler ou de fazer ler um breve texto em vulgar. O texto é ainda mais precioso quando se considera que – até hoje – não se dão notas sobre as pregações de Miguel de Acqui. O incunábulo reflete, ao menos diretamente, temas e elementos da sua pregação sobre o Monte de Piedade e da atenta catequese dirigida àqueles que tinham aderido à Escola. Podemos imaginar estes como os primeiros destinatários e os prováveis leitores deste texto, aos quais se apresentavam, assim, motivos, deveres, práticas e vantagens da participação na empresa do Monte. Deste incunábulo percorro agora alguns elementos mais destacados, dando, depois, a sua transcrição integral.

“Bisogna andare in sul quel sanctissimo monte (...)”

A xilografia do frontispício (figura 1) é claramente inspirada nas numerosas *Artes moriendi* coevas. O anjo da guarda dirige ao moribundo um salutar discurso, enquanto ao redor de seu leito fazem guarda alguns santos e, por sua vez, aos pés do leito, jaz, abatido, o demônio.²⁵ Mesmo com seu desenho rudimentar, a imagem deixa-nos supor um êxito positivo para este homem, no seu perigoso trânsito da morte, rumo à eternidade. A presença do Cristo em piedade na cabeceira da cama, como

25 O confronto com uma *Ars moriendi* impressa em 1490 na vizinha Veneza permite identificar melhor os santos representados: Santo Estêvão, Santa Catarina de Alexandria, São Lourenço (certamente improvável na fonte veronesa, mesmo conservando os respectivos detalhes) e Santa Bárbara. Cf. *Arte del ben morire*, (Veneza:) Johannes Clein e Piero Himel, 1490, fol. b1v. O texto está disponível *online* no site da Bayerische Staatsbibliothek. A imagem é aquela que acompanha o capítulo sobre a paciência com a qual o moribundo deve refutar as tentações da impaciência.

um homem sujeito às dores, coroado de espinhos e com os flagelos da paixão na mão, provavelmente explica a escolha desta imagem específica entre as várias presentes nas *Artes moriendi*. O comentário a esta imagem é fornecido pelo primeiro texto do incunábulo, o qual principia com um macarismo: “*O quanta beata sarà quella persona la quale habitarà in la compagnia del piissimo monte...*”. Como o texto claramente mostra, tal companhia não é tanto a homônima Escola veronesa, mas a companhia de Cristo e de todos os santos no céu. Tal meta só se alcança por um percurso ou ascese que permita “*andare in sul quel sanctissimo monte e pervegnire a quella sancta e bella Compagnia de Dio per la via de ben vivere e ben morire cum molte virtute e cum molte bone operatione*”. Uma vida virtuosa e empenhada no bem permitirá à alma, no momento do trânsito, encontrar a companhia de Deus e dos santos, de Cristo e dos anjos, “*et che lo dimonio sia confuso (...) chomo appare in la figura di sopra*”. O leitor é, assim, convidado a imitar a imagem de abertura, meditando sobre aqueles que serão seus instantes finais – e decisivos – da própria vida. De resto, a bula papal a favor da Escola garantia aos seus membros privilégios especiais para a confissão em *articulo mortis* e para a respectiva indulgência plenária.²⁶ A xilografia servia de ponto focal para a reflexão do leitor, depois chamado a tomar para si a ascese e dirigi-la “*lo monte de la pietà del Signore Idio*”, possível apenas mediante “*virtude e opere bone*”, como se repete outras três vezes neste breve texto, na última vez exortando diretamente os leitores ou ouvintes: “*Ascendeti adonche in sul monte alto de Dio...*”. O resto do texto é uma breve catequese bíblica, permeada por citações sobre o Monte de Deus e sobre a necessidade de caminhar na via da retidão, seguindo Cristo – caminho, verdade e vida – em uma senda marcada pelas três virtudes teológicas.

Na abertura deste incunábulo, o Monte de Piedade não é, portanto, apresentado (ainda) como instituição humana de crédito solidário, conquanto divinamente inspirada, como diziam os pregadores observantes. O protagonista do texto é o Monte de Deus, por meio do qual todos são chamados a cumprir o seu trânsito. Não se encontra aqui traço de

26 Bula *Intentis semper salutis opera*. In: *Bullarium*, IV, n. 2178 (24 abr 1491).

temas econômicos, da vantagem factual e espiritual para a cidade, dos mecanismos concretos da instituição. Emerge, ao contrário, o quadro das referências espirituais e bíblicas que um pregador como Miguel de Acqui podia utilizar na apresentação da ideia do Monte de Deus, aquele mesmo monte que estava no centro da eficaz cenografia da procissão feita em Verona, já descrita por Avogaro e posta no centro da segunda parte deste incunábulo.

“Fu portata la forma del sancto monte de la pietade”

A segunda e maior parte do incunábulo – *“la historia e lo processo del sancto monte de la pietade”* – apresenta uma síntese do relato de Avogaro. O autor anônimo deste texto não seleciona atentamente os elementos a retomar do amplo testemunho do humanista e simplifica a linguagem, somente; em alguns pontos ele introduz maiores detalhes. Por exemplo, se ele omite a descrição do estilo oratório de Miguel de Acqui, registra que as suas prédicas se desenvolviam na Piazza dei Signori e que não apenas se faziam *“contro la perfidia e insidia de Iudei”*, mas também *“contra la impissima usura (...) per utilidade e subsidio de li poveri christiani”*. Ademais, se a descrição dos procedimentos do conselho citadino para aprovar o Monte são, em Avogaro, mais detalhadas, o cronista anônimo fornece uma breve, porém precisa descrição das regras basilares da nova instituição, um aspecto completamente ignorado pelo humanista. O anônimo recorda que o Monte foi criado para *“subvenire a li poveri christiani”* com o seu dinheiro, concedido em forma de empréstimos gratuitos (*“senza alchuna usura e senza tore cosa niuna”*), feitos sobre um penhor, a ser resgatado dentro de um ano. Além disso, recorda-se como tais normas foram elaboradas por *“Frate Michaelo in scripto”*, imediatamente antes definido como *“motore e fundator del piissimo Monte de la pietade e de la sua Scola”*.

O relato é dominado, também neste caso, pela descrição da procissão. Neste texto, especifica-se como os integrantes são 3000 *“maschi e femine”* e como cada um deles deu uma oferta ao altar onde se recolhiam as doações para o Monte. A apresentação da triunfal jornada de 29 de agosto é aqui mais breve e omite, por exemplo, toda a descrição do

sermão conclusivo de Miguel de Acqui. O cronista anônimo é, porém, mais atento ao descrever a grande máquina cenográfica conduzida em procissão pela cidade. Avogaro se contentava em dizer que “*in cima al monte era posta come una ruota, sulla sommità c’era l’immagine di Dio, ai lati si vedevano meravigliose raffigurazioni delle virtù, nel mezzo era posta la Pietà di Gesù con ai suoi lati la Madre e l’apostolo diletto addolorati*”.²⁷ O texto em vulgar não apenas é mais rico nos detalhes, mas também fornece uma leitura da mensagem veiculada por esse aparato cenográfico. O “*sancto monte de la pietade*” é figurado “*in modo e forma e similitudine de la celeste gerarchia*”, com a Trindade em seu vértice, a qual, do alto do seu “*monte celestiale*” olha piedosamente a terra, onde, em um outro monte, é colocada “*la sanctissima christianità, la quale sta congregata e unita insieme per lo Spirito Sancto e redempta per la passione e sancta morte del nostro redemptore misser Iesù Christo*”, que se fez homem “*per haver e dar la sua infinita pietà e misericordia a li soi christiani, e precipue a le devote persone offerente al sancto monte de la pietà e a quele che serano trovate in la sua Scola*”. Dos seus lados são colocadas as virtudes com “*li instrumenti de la passione del nostro signor misser Iesu Christo*”, enquanto no centro é representado Cristo em piedade, junto à Virgem e a São João; não sozinhos, porém, mas juntos a uma representação “*de li suoi electi e benedecti christiani, e precipue de le devote persone offerente al suo sancto monte de pietà*”. Deste modo se tornava visível a troca entre a piedade divina e o empenho caridoso dos fiéis, também figurados no interior dessa cenografia – segundo os modos já conhecidos da propaganda dos Montes de Piedade.²⁸ A oferta

27 “*Cuius (i.e. Montis illius Pietatis effigies) forma huiusmodi erat: (...), Montis cacumen rotae mediae spetiem afferebat, in iugo Dei maximi imago conspiciebatur; latera virtutum omnium simulacra mirabili ornatu continebant, medium vero Iesu Pietas hinc matre, inde apostolo dilecto compatientibus tenebat*”. AVOGARO, *Oratio*, fol. a3v.

28 Veja-se a famosa *Tabula della salute* de Marco de Montegallo, ou a bandeira quinhentista do Monte de Piedade de Milão, onde, sob a escrita “*Mons Pietatis*”, se figuram tanto a atividade do Monte quanto, em segundo plano, um monte (o Gólgota) sobre o qual Cristo foi posto, em piedade, e em cujos pés estão ajoelhados mulheres e homens, representando toda a comunidade dos doadores. Ver, para ambas as imagens, MUZZARELLI, 2001, p.114-117, p.134.

concreta ao Monte de Piedade se colocava, assim, em continuidade com a própria oferta a Cristo e garantia a colocação junto a ele, sobre aquele monte em direção ao qual, do alto dos céus, Deus dirige a sua misericórdia. Reencontram-se aqui as coordenadas resumidas na breve catequese sobre a necessidade de “*ascendere in lo sancto monte de dio cum virtute e opere buone*”. A pregação de Miguel sobre tal argumento devia respeitar todos estes temas.

“*Una regula christianissima*”

A última parte do incunábulo apresenta os capítulos da Companhia do Santo Monte de Piedade.²⁹ A missão concreta desta Companhia era, antes de mais nada, como se disse, aquele de sustentar economicamente o Monte por meio de uma oferenda mensal. A caridade organizada e planificada dos membros da companhia, bem remunerada por um rico patrimônio de indulgências e benefícios espirituais, teria permitido fazer crescer o capital do Monte ou, ao menos, cobrir-lhe as despesas de gestão, sem recorrer aos juros sobre os empréstimos. Deste modo, as despesas bancárias eram pagas por uma iniciativa coletiva. Os membros da Escola, de uma certa maneira, se auto-taxavam para prover um serviço necessário à cidade, recebendo, em troca, amplos benefícios espirituais. Dos quatorze capítulos da Companhia, três se referem diretamente a este aspecto. O capítulo sexto versa sobre a doação mensal, a ser feita no último domingo do mês, naquela que devia ser a reunião da Companhia. Nesta ocasião, faziam-se a pregação comum e a doação ao Monte, através de um gesto específico: cada um devia “*levare la sua tavoleta (...) offerendo per ogni volta uno marcheto in augmento dil Monte de la pietà e per le cere necessarie allo altare di la predicta scola*”. Desta *tavoletta* fala já o capítulo segundo, tratando das prédicas a serem feitas

29 Também o Consorzio della sancta pietà, fundado em Cremona em 1491, por Miguel de Acqui, imprimiu, entre 1492 e 1493, os seus capítulos (mais breves que os veroneses), com uma síntese das indulgências concedidas aos seus participantes e o texto dos dez mandamentos (RICCI, 2009, p.97-99). Sobre o tema das fraternidades tardomedievais, ver o quadro fornecido por GAZZINI, 2009.

“*davanti a la imagine de la Pietà*”. Não é claro se se trata apenas de uma simples imagem ou de algum outro tipo de imagem – talvez impressa – difundida entre os membros da Escola, visto que se fala de *tavolette*, dizendo que cada um “*leverà la sua tavoleta*”. Pode-se hipotetizar que houvesse ao menos uma imagem devocional principal, guardada sobre o altar da Companhia. Não surpreende, pois, a dimensão tátil da relação com esta imagem: ela não é só para se ver, mas para se tocar também, segundo coordenadas próprias da relação com as imagens religiosas no *Quattrocento* tardio (Niccoli, 2011, p.25-38, p.57-56). Ademais, nos sucessivos estatutos de uma companhia análoga, fundada por Miguel de Acqui em Cremona, reencontra-se este mesmo ritual para acompanhar a oferta ao Monte e – provavelmente – fazer uma contabilidade precisa.³⁰ Os estatutos veroneses informam com precisão, além disso, como os governadores da Escola deviam prestar contas de sua administração aos governadores do Monte (capítulo 12) e entregar, mensalmente, “*la intrata de le tavolette*” para o “*augmento*” do Monte, subtraindo somente o necessário às despesas com o altar da companhia e com a organização da procissão anual (capítulo 13) (Ghinato, 2001, p.114). No término dos estatutos, calculava-se o resultado econômico atingido. Dado que, em um mês, aderiram à Companhia dez mil pessoas, recolheram-se 1048 ducados no ano.

A Companhia não exauria a sua função nesta relação econômica com o Monte de Piedade. A Escola reforçava também os laços entre o tecido social veronês e a nova instituição, favorecendo o enraizamento da mesma. Através de uma série de práticas, pregações, gestos e ofertas, o Monte de Piedade começava a fazer parte do horizonte mental e espiritual dos membros da companhia. Garantia-se à nova instituição, assim, não somente o sustento financeiro, mas também um precioso capital social. Nesta perspectiva, não surpreende que também os defensores do

30 Os capítulos do Consórcio da Piedade de Cremona, fundado em 1491, em suporte ao Monte, também apresentam o mesmo rito: “*Capitolo octavo. Statuischo e ordeno che ciaschaduna persona de questa devota compagnia ne la tercia domenica de ogni mese vada o mandi a quella ecclesia dove è le scripta e levi la sua tavoleta pagando uno sexino in diuto e augmento del sancto Monte de la pietà (...)*” (RICCI, 2009, p.98).

empréstimo a juros frequentemente fundavam uma fraternidade vinculada ao Monte de Piedade, como se vê na ação de Bernardino de Feltre (Guslino, 2007). Se os Montes por este fundados procuravam uma real autossuficiência financeira, o sustento de um amplo consenso citadino, nutrido por um forte senso de pertencimento, revelava-se também um recurso estratégico.

A parte principal dos estatutos da Escola descreve as práticas espirituais e as prédicas que os seus membros eram admoestados – porém não obrigados – a cumprir. O texto é, verdadeiramente, “*una regula christianissima*”, como se diz no último capítulo. Por exemplo: o primeiro capítulo é uma breve catequese sobre o primado da fé (“*il fundamento de la nostra salute*”), que se deve exprimir no recitar diário do Credo e na plena adesão à Igreja (significativamente, quem não soubesse o Credo devia dizer: “*Io credo tutto questo lo qual creda la sancta madre giesia christiana*”). A fé se manifestava, portanto, em gestos cotidianos: o sinal da cruz; a invocação, três vezes ao dia, do nome de Jesus, recordando a sua paixão (dizendo: “*Iesù, Iesù, Iesù salva nos christe salvator per virtutem sancte crucis tue*”). Igualmente, exorta-se (capítulo 2) a rezar diariamente as sete orações da Piedade diante da *imago pietatis*.³¹ Trata-se, neste caso, de uma oração pessoal, ligada a uma imagem que recuperava visualmente a Piedade de Cristo, aquele homem das dores que se tornara o fulcro da vida cristã, unindo a dimensão espiritual ao concreto empenho civil. Se, idealmente, essa oração – provavelmente uma variante da Coroa da Virgem, promovida naquelas décadas pelos franciscanos – devia ser cotidiana, era recitada coletivamente na reunião mensal. A essa oração concedia-se indulgência papal de “*28.000 anni e più*”. Certamente, esta contabilidade espiritual vinculava-se àquela “*calcolata devozione*”, típica do *Quattrocento* (Rusconi, 1993, p.505-536). Este aspecto não é, porém, absoluto. De fato, logo depois se juntam precisas e detalhadas instruções para o exame de consciência diário, requerendo uma profunda devoção interior e uma constante tensão

31 As “*sette orazione de la Pietà (...) davanti la imagine de la Pietà*” são mencionadas também nos capítulos do Consórcio de Cremona (RICCI, 2009, p.98).

moral: somente desse modo, dizia-se, poder-se-ia “*indubitamente conseguire*” os frutos da indulgência. De modo complementar, estes capítulos representavam uma pequena escola de oração: Credo, sinal da cruz, invocação do nome de Jesus (capítulo 1); oração em frente à imagem da Piedade, exame de consciência, oração matutina (capítulo 2); oração antes e depois das refeições (capítulo 3); missa semanal e oração para os defuntos da Companhia (capítulo 4); jejum semanal (capítulo 5); confissão e comunhão no Natal e Páscoa (capítulo 7); participação – se possível – nos funerais dos membros da Companhia (capítulo 8).

No projeto de Miguel de Acqui, a Companhia do Monte devia servir como verdadeira escola de vida cristã, um instrumento para difundir os elementos portadores da proposta religiosa veiculada pela Observância minorítica. Ao tratar dos Montes de Piedade, a pesquisa histórica privilegiou – compreensivelmente – a sua novidade projetual e econômica, os debates em torno da sua realização, o seu papel na evolução econômica das cidades e nas redefinições do poder político. Os estatutos desta Escola nos lembram como, ao lado do resultado concreto – ou, melhor, concretíssimo – do Monte de Piedade, o projeto dos seus promotores dava igual importância à reforma religiosa baseada nos modelos de oração e de comportamento capazes de incidir no cotidiano, compostos por gestos, fórmulas, preces e imagens a serem vistas e tocadas. Porém, gestos e fórmulas não desvinculadas de uma profunda adesão pessoal, interior e cristocêntrica, fundada sobre o conceito divino e humano de piedade.

APÊNDICE

Crítérios de transcrição

O incunábulo *La historia e lo processo del piissimo Monte de la Pietade cum li capituli de la sua benedicta schola* não carrega notas tipográficas. O texto foi editado em Verona, depois de 29 de setembro de 1490 (data presumível a partir do último parágrafo do texto). São conhecidas apenas

duas cópias deste incunábulo: uma conservada na Biblioteca Vaticana e outra na Biblioteca Colombina de Sevilha. A transcrição foi conduzida com base na cópia do Vaticano, cuja indicação é: Inc.V.91. Na transcrição adotou-se um critério conservador, introduzindo apenas poucas modernizações: a grafia *u* foi distinguida segundo o uso moderno em *u* e *v*; a nota tironiana & foi escrita com *e*. Foram desfeitas as abreviações, divididas as palavras e inseridas os sinais diacríticos, a pontuação e as maiúsculas, segundo o uso moderno. Foram corrigidos pequenos erros tipográficos, enquanto as integrações foram assinaladas entre parênteses. Por praticidade, inseriu-se entre parênteses a numeração dos fólhos.

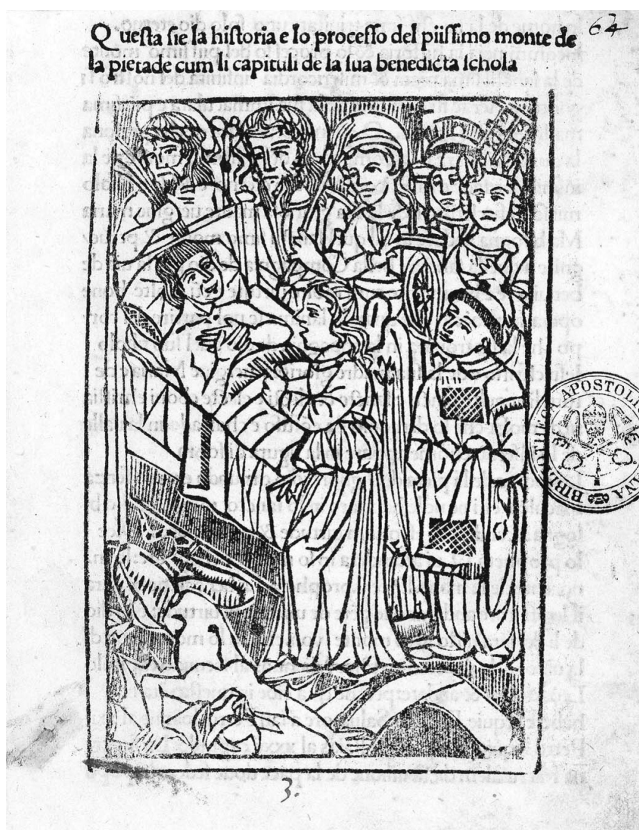


Fig. 1: Frontespizio (Roma, Biblioteca Vaticana, Inc.V.91)

© 2014 Biblioteca Apostolica Vaticana

Texto

(fol. 1r) Questa sie la historia e lo processo del piissimo Monte de la pietade cum li capituli de la sua benedicta Shola.

(Xilografia)

(fol. 1v) In nome de la sanctissima trinitate uno solo dio eterno.

Incommincia la historia e lo processo del piissimo Monte de la sanctissima pietà e misericordia infinita del nostro signore misser Iesù Christo e de la sua immacolata e piissima madre vergine Maria.

O quanta beata sarà quella persona la quale habitarà in la compagnia del piissimo monte de la infinita pietade e misericordia de Dio eterno e del suo filiolo misser Iesù Christo e de la sua gloriosa madre vergine Maria. Ma bisogna andare in sul quel sanctissimo monte e pervegnire a quella sancta e bella Compagnia de Dio per la via de ben vivere e ben morire cum molte virtute e cum molte bone operatione, acciò che quando l'anima se vol partire del corpo che la sia trovata in la compagnia de Dio e del suo filiolo Iesù Christo e de la sua madre gloriosa vergine Maria e de tutti li angeli e sancti e sancte e electi e electe e boni christiani de Dio. Et che lo demonio sia confuso e chalcado in la valle de lo inferno chomo appare in la figura di sopra.

Lo monte de la pietà del Signore Idio è mundo e puro senza maculo e chi ne vole habitare in lo sancto monte de Dio bisogna ascendere in esso cum virtude e opere bone. Dice lo propheta: *Qui ascenderà in lo monte del Signore? Lo innocente de le mane.*³² Dice il propheta: *La benedictione darà il legislatore, andarano le gente de virtude in virtude, e lo Dio de li dei sarà visto in lo monte Syon*³³, cioè in lo monte Syon di la visione de Dio eterno. Dice Micheas al secundo capitolo: *Levatte voi e andate, perché qua - cioè in questa vita - non habete requie.*³⁴ Disse lo Salvatore a san Petro,

32 Salmo 24,3-4.

33 Salmo 83,8.

34 Miqueias 2, 10.

Ioanne al xxii, *Petro sequita a me*.³⁵ Dice Isaías al xxxii capitulo: La superna Hierusalem dicta visione de la pace dove sederà lo popu-(fol. 2r)-lo in pulcritudine de la pace, in requie opulenta.³⁶ Dice il Salvatore, Ioanne al xii capitulo: *Ego sum via, veritas, et vita*.³⁷ La via è la charitate e ogne altre virtude cum bone operatione virtuose. La verità è lume de la fede christiana, cum ogne gratia del nostro signore misser Iesù Christo. La vita sie lo termino de la beatitudine aspectandola cum la firma speranza e perseveranza perfine al exito de l'anima del corpo, e in perfecta fede e charitate e speranza morire. Dice Matheo al septimo capitulo: *Arta è la via la qual conduce a la vita*, quia in essa sono molte tribulatione e adversitate cum vera contritione e penitentia in vera patientia e *pochi ne vano per essa*. E converso *lata* - cioè larga - è *la via la quale conduce a la morte, e molti incideno in essa*, a la quale sequita la morte.³⁸ Ascendeti adonche in sul monte alto de Dio cum le bone virtude e bone operatione in lo qual monte sie la infinita pietade e misericordia de Dio e del suo figliuolo unigenito nostro signore misser iesù Christo e la pietà de la sua madre virgine Maria, e la gratia e pietà del Spiritu Sancto uno solo Dio, cum patre e filiolo eterno per infinita secula seculorum. Amen.

La historia e lo processo del sancto Monte de la pietade
Essendo vegnudo in la excellentissima citade di Verona lo Venerando Padre Frate Michael de Aquis de l'ordine di minori observanti di sancto Francisco e incominciando a predicare in sulla piazza di signori di Verona la sanctissima parola de Dio onnipotente e contra la perfidia e insidia de iudei e contra la impiissima usura cum tanta charità e compassione e certamine spirituale per utilidade e subsidio de li poveri christiani cum poche predicatione fu motore e fundator del (fol. 2v) piissimo Monte de la pietade e de la sua scola. Et questo cum favore de li Magnifici Rectori di Verona Misser Marino Leono Potestade, et Misser Nicolao Trivisano

35 João 21, 19.

36 Isaías 2, 2.

37 João 14, 6.

38 Mateus 7, 13-14.

Capitano Cooperante etiam la Magnificentia di Misser Hieronimo, figlolo del dicto Misser lo Potestade. Et cum favore de lo eccellente universo consilio di Verona, e cum tutti offerenti al sancto Monte de la pietade. Siché per questo modo consiliando e concludendo che se dovesse instituire lo sancto Monte de la pietà, in honore dil nostro signore misser Iesù Christo aciò che se potresse e se dovesse subvenire a li poveri christiani di quelli denari del piissimo Monte de la sancta pietà senza alchuna usura e senza tore cosa niuna, e che li pegni soi se potesse schodere³⁹ cadauna persona in capo de uno ano. Et che lo piissimo Monte fosse governato cum certo bello modo e ordine el quale modo ha dato el Venerando Padre Frate Michaelo in scripto.

Sono adonche electi XII de li eccellenti viri. Tre cavalieri: Spineta Malaspina Marchio, Christofforo Peregrino, Nicolao Medices. Tre doctori: Christofforo Lafanchino, Vianino Minischalco, Francesco Carminato. Tre Senatori: Verità a Veritate, Bartholomeo Morando, Clemente de Clemente. Tre Merchadanti: Dominico Prato, Gottardo Vergerio, Dominico Avantio. Et a questi XII viri cum singolari prudentia e industria, bonitade, iustitia e fede fu data la cura e la administratione dal universo consilio, li quali XII viri sono chiamati procuratori e governatori del piissimo Monte de la pietade. Ultra quelli XII principali governatori sono electi altri XII homini per governare e attendere a li officii del sancto Monte de la pietade e de la sancta Scola del monte.

(fol. 3r) Et perché a quello tale piissimo opere del Monte de la pietade fu necessaria una grandissima quantità di denari e per questo fu consiliato del universo consilio che chadauna persona de ogni stato e ministerio e arte, secunda la sua devotione e voluntate, de la universa citade di fora e di dentro debesseno convegnaire insieme a dì XXIX del agusto MCCCCLXXXX in sulla Piazza di Signore e sotto la loza de le hore se dovesse ordinare uno altare solemnissimo e una capella dignissima cum certi pagni mirabili ingenio e artificio era ordinata cum molti angeli li quali apparea cantare el nome Iesù e molte stelle e molte corone e molte altre imagine erano ordinate mirabilmente. Postea a cadauno lato di

³⁹ Entenda-se, provavelmente, como “resgatar”.

quello altare erano le sedie a modo di theatri per sedere li procuratori per aspectare e attendere a li offeriti dignissimi.

E chosi da matina di quello giorno incominciava il populo a vegnire a poco a poco per videre la pompa e lo triumpho solemmissimo e quasi niuna persona a chaxa non romasa e per tutte le vie e fenestre era piene de le gente e maxime in lo transito de la processione e tute le vie erano sparse cum l'herbe oliosae e cominciando la processione era tanta multitudin de la gente ultra modo.

Lo primo squadro de la processione era la turba de li puti, maschi e femine, li quali cantavano e invocavano el dulce nome Iesù cum piissima voce per havere misericordia e pietade e cadauno de li putti portava lo suo offerito allo altar del sancto monte de la pietà. Et per mezo de li putti separatim in la processione andavano li Frati minori di san Francesco portando cinque homini a modo de li cinque martyri di lor ordine cum li loro signi e stigmati, cioè del sancto An-(fol. 3v)-tonio de Padua e del Bonaventura e del sancto Lodovico e del sancto Francesco.

Postea fu portata la forma del sancto monte de la pietade facta e ordinata cum mirabile ingenio e artificio in modo e forma e similitudine de la celeste hierarchia. Siché in la excelsa altitudine e summitate del monte fu ordinata la similitudine de la sancta Trinità, guardando pietosamente e humilmente dal suo monte celestiale cum la sua pietà e misericordia di sopra la terra in lo suo monte de la sanctissima christianità, la quale sta congregata e unita insieme per lo Spirito Sancto e redempta per la passione e sancta morte del nostro redemptore misser Iesù Christo, figlolo de Dio padre omnipotente, concepto del Spirito Sancto, nato de la vergine Maria, vero Dio e homo, per haver e dar la sua infinita pietà e misericordia a li soi christiani, e precipue a le devote persone offerente al sancto Monte de la pietà e a quele che serano trovte in la sua Scola. Da li lati del monte sono ordinate ogne virtù a modo de li novi ordini di angeli de la celeste hierarchia, le quale virtude portano li istrumenti de la passione del nostro signor misser Iesù Christo. Et in mezo del sancto monte si è la pietà e misericordia del nostro signore Iesù Christo, cioè in meso de li soi electi e benedecti christiani, e precipue de le devote persone offerente al suo sancto Monte de pietà, e per mezo cum la sua

madre pietosa vergine Maria e di santo Ioanne suo discipulo dilecto. Et inanzi del sancto monte de la pietà ardeno le candele accese e una lucerna in mezo bellissima e sono sta accesi li thuribuli cum ogni genere odoriferi per significare lo odore de le virtude e bone operatione nostre. Sono anchora stati sonati de ogni e di-(fol. 4r)-versi instrumenti musicali e cantati diversi canti cum dulcissima symphonia e tre mila puti li quali cantano el nome di Iesù cum piissima voce, offerendo tutti li soi offerti allo altare sancto del Monte de la pietà. E le vergine e vidue hanno oferte centi ducati al sancto altare del monte.

Da poi per ordine da grado in grado de ogni stato religiosi e sacerdoti e prelati e doctores e scribani e imperanti rectori e ordinatamente lo universo populo, cadauno oferendo lo suo oferto al sancto altare del monte de la pietà. Et a hora di vespro se cantava el vespro a lo altare del monte cum grande solemnità e allegrezza.

Et a questo modo da matina di quello giorno per fine a XXIII hore se trova quaranta milia persone oferente al altare del piissimo monte de pietà. Siché sono oferti duo mille ducati e le cere valseno ducati centi e tutti quelli denari sono del pietoso Monte de la pietà.

Da poi a di novi del septembrio MCCCCLXXX sta concesso e pubblicato uno logho in la garzaria de li Magnifici Rectori e del universo consilio e populo per mantegnere li pegni del sancto Monte de la pietà e in quello logho imprestare a li poveri homini christiani. Et per quello ordinati XII governatori generali li quali hano da procurare de li facti del sancto Monte e de li facti de la Scola o vero Compagnia. Et questi XII generali procuratori hano rendere rexone conto a li XII procuratori speciali del Monte per modo chome è segnato in li capituli di la Scola. Et quello giorno predicto sempre e perpetuamente sarà celebrato in memoria e in honore e laude de la pietà del nostro signore Iesù Christo e de la sua gloriosa madre vergine Maria. Amen.

(fol. 4v) Ultimo e postremo fu digno e iusto e honesto che il nostro oratore e Venerandissimo Padre Frate Michael de Aquis per la sua copiosissima fatiga e labore consequisse el suo merito. Et per quello la nostra eccellente inclyta citade Verona cum lo suo universo consensu ha lo electo e accepto a esser il suo dilecto cittadino perpetuo, e per la

perpetua memoria di quello sta data la sua umbria a li depentori acciò che la perpetua memoria de tanto beneficio suo sia mantegnuda e non la sia chassada. Amen.

Sequitano li capituli de la Scola

In nomine de Christo Iesu, de pietà exuberantissimo fonte, e de la sua pietosa e immacolata madre vergine Maria.

Infrascripti sono li ordini, modi e statuti che debeno osservare e fare tutte quelle devote persone che intrarano ne la Compagnia e Scola del sancto monte de la pietà. Et fu la <Compagnia> incominciata in el giorno de la Natività de la Madonna de Septembrio MCCCCCLXXX.

Motore de essa benedicta Scola fu el Venerando Padre Frate Michael de Aquis de lo ordine de li minori observante. El quale fu etiam fundatore del soprascripto Monte de la sancta pietà, et questo cum favore de li Magnifici Rectori di Verona: Misser Marino Leono lo Potestade et Misser Nicolao Trivisano lo Capitanio. Cooperante etiam la magnificentia de lo Misser Hieronymo Fiolo del dicto Misser lo Potestade. Et etiam cum favore e consensu de lo excellentissimo universo consilio, e de tutti li offerenti al sancto Monte de la sanctissima Pietà. Amen

Sequitano li capituli e li ordini

(fol. 5r) Primo cum sit che secundo la divina scriptura la fede sia il fundamento de la nostra salute per modo che senza fede neuno pò piezere a Dio, perhò in prima statuemo e ordinamo che cadauna persona di questa benedicta Compagnia deba almancho una volta il giorno dire il Credo minore cum devotione, e elevare la mente a Dio creatore preponendo e deliberando di volere vivere e morire ne la confessione di questa sancta e christiana fede, e ne la obedientia e reverentia de la sancta Romana giesia, mai per chossa niuna da quella volerse partire. Et chi non sapesse dire lo Credo debbalo imparare, e in questo mezo dica a Dio: “Io credo tutto questo lo qual creda la sancta madre giesia christiana”. Ancho per memoria di la beatissima Trinitade ogniuno se debia imprimere nel fronte el signo de la Sancta Croce dicendo: “Io me signo nel nome del Patre, e Filiolo, e Spiritus sancto. Amen”. Etiam per memoria de la vita <e> passione de Iesù Christo debia quel giorno saltem tre volte

invocare il sancto nome suo, dicendo: “Iesù, Iesù, Iesù” - azongendo - “Salva nos Christe salvator per virtutem sancte crucis tue. Amen”.

Secundo statuemo e ordiniamo che zascaduno di questa benedicta compagnia deba una volta il giorno dire le Sette oratione de la pietà, cum Sette Pater noster e Sette Ave Maria divanti a la sancta pietà. O vero le dica una volta a la septimana. O vero al mancho una volta in quella ultima dominica del mese ne la quale levarà la tavoleta. Ma chi non le sapesse dire ne legere dica per quelle XV Pater noster e altrettante Ave Maria divanti a la imagine de la pietà. Imperhò dicendo le predictae orationi predicto modo cum li sette Pater noster e sette Ave Maria, aut li predicti XV - (fol. 5v) - Pater noster e XV Ave Maria haverano de Indulgentia XXVIII milia anni e più secundo è stato concesso da molti summi Pontifici e maxime da la felice memoria di Papa Sixto.

Et acciò che possano vivere in la gratia de Dio senza peccato mortale siché avanti che dicano le sette orationi de la pietade cum li predicti Pater noster e Ave Maria, e acciò che possano indubitamente consequire la sopradicta Indulgentia debano una volta il giorno, in spetiale la matina, levare le mente a Dio cum el cuore contrito e humiliato, ripensando cum dolore e pentimento tuti li soi peccati comissi cum facto o pensieri o cum parole o cum mal desiderio o cum mal voluntade di tutti quanti rendendosi in colpa a Dio e proponendo di più non peccare e avendo animo di confessarse al tempo debito per amore de Dio. E questa sarà al loro una fruttuosa peniten<z>ia.

Etiam ogni matina essendo levati dal lecto debano levare la mente a Dio, proponendo che tutte le chose le quale farano in quello giorno, che de sé non siano peccato, le voleno fare voluntiere per amore de Dio e cum patientia in la adversitate.

Tertio, statuemo che avanti al disnare e ad la cena ogniuno de la compagnia chi sa lettera deba benedire la tavola dicendo: “Mense celestis participes faciat nos rex eterne glorie. In nomine Patris et Filii et Spiritussancti. Amen”. Et poi il magnare debeno ringratiare a Dio, dicendo: “Gratias agimus tibi omnipotens Deus pro universis donis et beneficiis tuis, qui vivis et regnas Deus in secula seculorum. Amen”. Et chi non vole aut non sapesse dire le predictae parole debia dire il Pater noster e Ave Maria.

Quarto, statuemo che debino aldire una messa a la septimana e pregando in quella per le anime de li morti de la compagnia.

(fol. 6r) Quinto, statuemo e ordinamo che ogniuno de la compagnia in memoria di la passione di Iesù Christo deba ieunare ogni veneredì de la septimana. Et chi non vole aut non potesse ieunare debia dare uno marcheto al Monte de la pietà, o vero far una elemosyna ad uno povero, aut dire V Pater noster e V Ave Maria in reverentia de le cinque piage dil nostro redemptor.

Sexto, statuemo e ordinamo che ogni ultima domenica dil mese cadauno de la compagnia debia levare la sua tavoleta e offerendo per ogni volta uno marcheto in augmento dil Monte de la pietà e per le cere necessarie allo altare di la predicta Scola dal sancto monte. Et uno marcheto in lo venerdì sancto.

Septimo, ordinamo che chadauno de la compagnia se debia confessare e comunicare doe volte l'ano, cioè a la pasca di la resurectione e a la Natale di Christo Iesù.

Octavo, ordinamo che alcuno de la compagnia pasasse de questa vita sia facto per li soi a saperer al massaro di la scola il quale mandi il confalone di la scola a la caxa dil defuncto per esser con quello a la sepultura acompagnato. Et similiter li faceno a sapere a li XII governatori di la scola, acciò che se sforzan di andare acompagnare il predicto defuncto o almeno qualche uno di loro confortiano, etiam che li altri di la compagnia se sforzano possendo etiam loro honorare li morti de la compagnia. Et debano ogniuno de la predicta scola dire V Pater noster e V Ave Maria per l'anima di cadauno che passa di questa vita che era in la compagnia o vero dar una elemosyna.

Nono, statuemo che lo massaro faza dire e celebrare ogni ano tre annuali per le anime di morti de la compagnia.

Decimo, statuemo che lo massaro tegna in ordine lo altare.

Undecimo, se li XII di la scola aveseno disentia⁴⁰ dicano a l'altri XII.

40 Isto é, discórdia.

(fol. 6v) Duodecimo, statuemo e ordinamo che li dicti XII governatori di la Scola in fine del anno rendeno bona raxone e conto a li XII governatori dil sancto Monte di la pietade di tutta la intrada e spesa per essi administrata.

Tredecimo, statuemo e ordiniamo che ogni mese debano li XII governatori di la Scola presentare la intrata de le Tavolete a li speciali governatori dal sancto Monte per augmento di quello, salvo li denari se expenderano per l'altare. Excepto che debano retegnere insema le doe intrate de li doi mesi precedenti a la offerta la qual haverà a-ffare per esso sancto Monte, acìò che ne la giornata de la processione posano havere il suo doppiero ben honorevole.

Quartodecimo, facciamo intendere e sapere ad ogniuno di questa benedicta e sancta Compagnia che per li predicti capituli e ordini niuno sia obligato ad alchuno peccato mortale niancha veniale. Excepto tanto quanto obligano li comandamenti divini, o vero la sancta madre Ecclesia. Ma tamen quellori li quali observano li predicti capituli haveran grande merito e eccellente e speciale corona da lo eterno Dio remuneratore de ogni bene. Et sarà a loro una regula christianissima. O quanto è iucundo e lieto e bono a quello el quale sarà trovato in la bona compagnia, perché li boni e fideli amici sono molto utili e necessari in la extrema necesidade e precipue in lo articulo da la morte sua.

Sono vegnude in questa benedicta Compagnia infra uno mese dexe mille persone de le quale cadauna persona ogni ultima dominica del mese levarà la sua tavoleta dagando uno marcheto e uno in lo veneredì sancto. Sarà al ano ducati Mille e quaranta octo senza lo offerto grande generale. Finis.

Tradução do italiano para o português: Felipe Augusto Ribeiro, mestrando na Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Laboratório de Estudos Medievais (LEME), núcleo UFMG. felipeaur@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBINI, Giuliana. La comunità ebraica in Crema nel secolo XV e le origini del Monte di Pietà. *Nuova Rivista Storica*, vol. 59, (S.l.: s.n.), p.378-406, 1975.
- ANDENNA, Giancarlo. Aspetti politici della presenza degli Osservanti in Lombardia in età sforzesca. In: CHITTOLINI, Giorgio; ELM, Kaspar (eds.). *Ordini religiosi e società politica in Italia e Germania nei secoli XIV e XV*. Bolonha: Il Mulino, 2001. p.331-371.
- BARHAM, William. La trasformazione del Christo Passo in un emblema urbano a Padova nel Quattrocento. In: CARBONI, Mauro; MUZZARELLI, Maria Giuseppina (eds.). *L'iconografia della solidarietà*. La mediazione delle immagini (secoli XIII-XVIII). Venezia: Marsilio, 2011. p.29-46.
- BRACCI, Silvano (ed.). *Marco da Montegallo (1425-1496): il tempo, la vita, le opere*. Pádua: Centro Studi Antoniano, 1999.
- BUGHETTI, Benvenuto. Documenti inediti su San Giovanni da Capestarno e sulla cappella edificata nel luogo della sua prigionia. *Studi francescani*, vol. 37 (S.l.: s.n.), p.108-114, 1940.
- CARBONI, Mauro; MUZZARELLI, Maria Giuseppina (eds.). *L'iconografia della solidarietà*. La mediazione delle immagini (secoli XIII-XVIII). Venezia: Marsilio, 2011.
- CASAGRANDE, Carla. Della Torre Ludovico. In: ISTITUTO, Enciclopedia Italiana. *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 37. Rome: Istituto Enciclopedia Italiana, 1989. p.597-600.
- CENCI, Cesare. *Documentazione di vita assisana (1300-1530)*, vol. 2. Grottaferrata: Editiones Collegii S. Bonaventurae, 1974.
- DELCORNO, Pietro. Pevere, Michele (Michele d'Acqui). In: ISTITUTO, Enciclopedia Italiana. *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 81. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, (no prelo).
- FERLITO, Carmelo. *Il Monte di Pietà di Verona e il contesto economico-sociale della città nel secondo Settecento*. Venezia: Istituto Veneto di Scienze Lettere ed Arti, 2009.
- GAZZINI, Marina (ed.). *Studi confraternali: orientamenti, problemi, testimonianze*. Florença: Firenze University Press, 2009.

- GHINATO, Alberto. Il beato Michele d'Acqui (†1500 c.) e il suo apostolato in Verona (1957). In: GHINATO, Alberto. *Studi e documenti intorno ai primitivi Monti di Pietà, IV: Miscellanea*. Roma: Edizioni Francescane, 1963. p.63-117.
- GIACCHERO, Giulio. *La Casana dei genovesi: storia dei 500 anni del Monte di Pietà di Genova, 1483-1983*. Gênova: SAGEP, 1988.
- GUSLINO, Bernardino (A cura di CHECCOLI, Ippolita). *La vita del beato Bernardino da Feltre*. Bolonha: Compositori, 2007.
- MENEGHIN, Vittorino. *Bernardino da Feltre e i Monti di Pietà*. Vicenza: LIEF, 1974.
- MONTANARI, Daniele. *Il credito e la carità: i Monti di Pietà delle città lombarde in Età moderna*. Milano: Vita e Pensiero, 2001.
- MUZZARELLI, Maria Giuseppina. Angelo da Chivasso e i Monti di Pietà. In: CAPITANI, Ovidio et all. (orgs.) *Frate Angelo Carletti osservante, nel V centenario della morte (1495-1995)*. Cuneo: 1998. p.169-184.
- MUZZARELLI, Maria Giuseppina. *Il denaro e la salvezza: l'invenzione del Monte di Pietà*. Bolonha: Il Mulino, 2001.
- NICCOLI, Ottavia. *Vedere con gli occhi del cuore: alle origini del potere delle immagini*. Roma: Laterza, 2011.
- PEEBLES, Bernard; AVESANI, Rino. Studies on Pietro Donato Avogaro. *Italia Medievale e umanistica*, vol. 5, p.1-84, 1962.
- PISANU, Leonardo. *I frati minori di Sardegna dal 1218 al 1639: origini e forte sviluppo della presenza francescana nell'isola*, vol. 2. Cagliari: Edizioni della Torre, 2000.
- PISANU, Leonardo. *Il denaro e la salvezza: l'invenzione del Monte di Pietà*. Bolonha: Il Mulino, 2001.
- PUGLISI, Catherine; BARCHAM, William. Bernardino da Feltre, the Monte di Pietà and the Man of Sorrows: Activist, Microcredit and Logo. *Artibus et historiae*, vol. 29, n. 58, p.35-64, 2008.
- Regestum Observantiae Cismontanae (1464-1488)*, n. 85. Grottaferrata: Editiones Collegii S. Bonaventurae, 1983.
- RICCI, Adelaide. Cremona: il suo primo Monte e il "Consortio de la Sancta Pietà". In: CARBONI, Mauro; MUZZARELLI, Maria Giuseppina (eds.). *I Monti tra teoria e prassi: quattro casi esemplari*: Urbino, Cremona, Rovigo e Messina. Bologna: CLUEB, 2009. p.67-99

- ROEST, Bert. Sub humilitatis titulo sacram scientiam abhorrentes. Franciscan Observants and the Quest for Education. In: BREITENSTEIN, M et. all. (eds.). *Rules and Observance: Devising Forms of Communal Life*. Berlín-Munique: LIT, 2014. p.79-106.
- RUSCONI, Roberto. Da Costanza al Laterano: la “calcolata devozione” del ceto mercantile-borghese nell’Italia del Quattrocento. In: VAUCHEZ, André (ed.). *Storia dell’Italia religiosa: l’antichità e il medioevo*. Roma: Laterza, 1993. p.505-536.
- VARANINI, Gian Maria. Ordres mendiants, économie et société à Vérone au XVe siècle: polémiques et débats autour de l’Observance d’après une frottola de 1460. In: BERIOU, Nicole; CHIFFOLEAU, Jacques (eds.). *Économie et religion: l’expérience des ordres mendiants (XIIIè - XVè siècle)*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2009. p.475-500.
- VARANINI, Gian Maria. Società cristiana e minoranza ebraica a Verona nella seconda metà del Quattrocento: tra ideologia osservante e vita quotidiana. In: MUELLER, Reinhold Christopher; VARANINI, Gian Maria (orgs.). *Ebrei nella Terraferma veneta del Quattrocento*. Firenze: Firenze University Press, 2005. p.141-162.
- VV.AA. *I frati osservanti e la società in Italia nel secolo XV*. Atti del XL Convegno internazionale (Assisi - Perugia, 11-13 ottobre 2012). Spoleto: CISAM, 2013.